



**e-cadernos CES**

03 | 2009

O imaginário europeu a partir da controvérsia dos  
"cartoons"

---

## Intervenções do público

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/eces/1182>

DOI: 10.4000/eces.1182

ISSN: 1647-0737

### Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

### Reférence electrónica

« Intervenções do público », *e-cadernos CES* [Online], 03 | 2009, posto online no dia 01 março 2009, consultado o 14 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/eces/1182>

---



## INTERVENÇÕES DO PÚBLICO

1 – Eu também sou agnóstico. E agora que já não sou só iraniano, sou também português, devo-me preocupar muito com a orientação que esta civilização está a tomar. Acho que podíamos dizer, talvez com um pouco de exagero, para provocar, que esta é uma civilização *excremental*. Penso muito concretamente no tratamento dos prisioneiros palestinianos pelos israelitas que põem excrementos neles para os torturar. Acho que este é um exemplo muito forte desta preocupação, deste mundo onde se chegou a um ponto que, além de nos cortar a palavra, além de nos pôr na lógica do ódio, também nos põe excrementos em cima. E acho que os poetas e os intelectuais que estão em trânsito pelo mundo global, como dizia o Professor Boaventura de Sousa Santos, se devem efectivamente preocupar muito com esta situação.

2 – Globalmente, eu acho fundamental estabelecer qual é a fronteira da questão e parece-me que, até agora, a questão não tem sido posta como deve ser. Referiu-se, há pouco, a questão da nossa tradição. Temos a mania de pôr as coisas como universais, e se calhar também tenho, mas propôs-se que a nossa tradição é judaico-cristã, do que eu discordo inteiramente. A nossa tradição, nesse sentido, é uma tradição que remonta também à revolução francesa e é, senão anti-religiosa, pelo menos, de uma forte separação entre o religioso e o civil. E, portanto, é aí que está a tradição. Parece-me que a fronteira é exactamente esta. O que nós assistimos nesta discussão foi a um coro de defensores de medidas repressivas, de controlo da informação, que vêm de todos os sectores, de todos os fundamentalistas, desde Bush aos Ayatollahs. Aí estamos todos de acordo. Portanto, na verdade o que se está a defender são os direitos, os direitos civis da liberdade de expressão como tal. Ou seja, aqueles *cartoons*, efectivamente, podiam

ter sido publicados no *Le Monde*, e não teriam provocado nenhuma polémica. O problema é que eles foram publicados num jornal de extrema-direita e com intenção. Portanto, a intencionalidade, aqui como noutras coisas, não é irrelevante. Assim, neste caso concreto, isto entraria nas blasfémias deliberadas. Portanto, houve intenção de ofender os muçulmanos. É essa a parte importante, não é a questão da liberdade de expressão, mas a questão da intenção que ali presidiu. Até também do ponto de vista da interpretação, porque ninguém no mundo disse que aquele *cartoon* representava Maomé. Representava, isso sim, os muçulmanos na globalidade. Significa que eram todos bombistas. Portanto, eu acho que são duas questões diferentes: a questão da liberdade de expressão, e a questão de ofender e marginalizar os muçulmanos, porque os *cartoons* poderiam ter sido publicados noutro lado com outra intencionalidade.

3 – Boa tarde. O meu nome é Helena. Escutei falar aqui em Maomé, judaísmo e cristianismo. Nós realmente temos que aprender a viver uns com os outros. Nós não podemos viver longe uns dos outros. Eu tenho o grande privilégio de pertencer a uma igreja chamada “A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”, normalmente conhecida como Mórmon. Eu sei realmente que, por vezes, as pessoas fazem as coisas sem intenção. E nós temos que aprender a descobrir as coisas como elas realmente são. Eu não sou agnóstica de modo algum. Eu sou cem por cento cristã. Eu acredito em Deus, o pai eterno, em seu filho Jesus Cristo e no Espírito Santo. Aquele senhor (Mostafa Zekri) falou de algo muito importante: em Meca, Maomé e os companheiros mandaram retirar todas as coisas menos a representação de Maria e de Jesus Cristo. Para mim, Jesus Cristo é o filho de Deus. E quando alguém entra em conflito com isso, não está a entrar em conflito comigo nem com ninguém, está a entrar em conflito consigo mesmo. Eu, em relação aos *cartoons*, acho que há limites. Eu não posso chegar perto de uma pessoa e fazer certas coisas para ofender, magoar essa pessoa. Há liberdade e há limites para a liberdade. Porque se não aprendermos esses limites vamos, de uma forma ou de outra, magoar-nos sempre uns ou outros. Não aprendemos! É como um pai de família, uma mãe de família, e os filhos. Os pais são pais para darem exemplo aos filhos, e os filhos têm que dar o exemplo aos pais. Os pais amando os filhos e os filhos amando os pais, os irmãos, uns aos outros, e à família. Nós todos somos uma família. Mundialmente somos uma família. E devemos trabalhar nesse sentido, de sermos uma família. Eu sei que realmente este debate é importante e antontem ouvi a Doutora Irene na rádio e senti o dever de vir aqui. Eu participei hoje no debate

porque este é um grande problema que nós temos que aprender a contornar. Nós temos que aprender a respeitar-nos uns aos outros, e cada um de nós.

4 – Queria cumprimentá-los pelas intervenções e pela oportunidade de confronto de ideias tão aberta e tão expressiva. O meu nome é Ana Luísa Riquito e sou assistente da Faculdade de Direito aqui da Universidade de Coimbra, onde ensino Direito Internacional e Direito Constitucional. Sou também vice-directora do Centro de Direitos Humanos. E, mais do que uma questão, confesso que tenho algumas reflexões suscitadas estritamente pelo que ouvi aqui. A primeira prende-se com a primeira intervenção, do Professor Adel Sidarus, que muito gostei de ouvir, mas tenho uma objecção de base, desde logo, ao primeiro comentário de que a nossa sociedade chegou tarde a esta discussão. Eu não creio que isso seja inteiramente verdade. Escreveram-se milhares de páginas a propósito do caso Salman Rushdie, por exemplo. Escreveram-se centenas de páginas, seguramente, acerca de episódios semelhantes ao do *cartoon* do Papa com o preservativo no nariz, já para não falar dos rios de tinta que correram relativamente à publicação de um evangelho blasfemo pelo agora nosso prémio Nobel da literatura José Saramago, o *Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Podemos acrescentar, ainda, o plano estritamente académico e doutrinário em que muitas obras são felizmente publicadas sobre a questão da liberdade de expressão e a sua concordância prática ou harmonização com os direitos de protecção e liberdade das minorias. Portanto, eu não acho que tenhamos chegado assim tão tarde ao debate. Mal seria que, depois de quase um século de ditadura – que tanto praticou a censura – nós não nos tivéssemos já confrontado com problemas de fronteira deste tipo. Depois, relativamente à intervenção da Professora Isabel Allegro Magalhães, é sempre muito bom ouvir alguém que vem da literatura, e nomeadamente da literatura comparada. Eu acho que se há domínio que nos leva a cultivar a liberdade de espírito é realmente a literatura comparada. Simplesmente eu gostaria de dizer que infelizmente, *infelizmente*, não me parece que a tradição ocidental, na tríade da revolução francesa, tenha acentuado apenas a liberdade. Infelizmente, o estalinismo, que foi tão difundido, acentuou a fraternidade e o igualitarismo, mais do que a liberdade. E foi justamente com o pretexto de fraternidade que esses sistemas totalitários vieram censurar a liberdade de expressão. Por outro lado, parece-me um bocadinho injusto, confesso, que se invoque aqui a tradição europeia de eurocentrismo e colonialismo, que todos nós conhecemos e de que seguramente nos envergonhamos. Somos um povo de colonizadores. Há pouco mais de 30 anos estávamos a matar angolanos e moçambicanos. Mas parece-me um bocadinho injusto invocar aqui isso para dizer

que esta situação dos *cartoons* é mais uma manifestação do olhar sobranceiro ocidental sobre o Outro, porque eu acho que, justamente, a Europa tem feito um genuíno esforço de combater essa sobrançeria, esse neocolonialismo, essas pulsões imperialistas. Portanto, parece-me que isso é um pretexto para cultivar mais uma vez, ao nível internacional, um duplo *standard* ético de exigência relativamente à conduta dos Estados. Quando é Abu Ghraib: “Ai, meu Deus, que os americanos fazem isso”, mas quando é um ditador de um país pobrezinho cultiva-se a psicologia dos coitadinhos que não têm voz na sociedade ocidental. Eu reconheço que temos um historial. Todos temos esqueletos no armário. Os portugueses, pelo menos, têm muitos. Os dinamarqueses também terão. Mas parece-me um bocadinho injusto invocar agora esse historial de sobrançeria sobre a alteridade, sobre o Outro para dizer que os *cartoons* são apenas um reflexo disso mesmo. Depois gostaria, sinceramente, de cumprimentar o Dr. José Pacheco Pereira porque acho que exprimiu justamente tudo aquilo que eu penso relativamente a esta questão. O Professor Boaventura de Sousa Santos sabe que sou uma admiradora confessa dos seus escritos e sobretudo das suas premissas antropológicas, a pretexto dos seus escritos, como a questão da fome no mundo. Apraz-me até verificar que tenha invocado aqui a teoria da acção comunicativa de Habermas, porque ela pressupõe uma ideia de reciprocidade simétrica entre os interlocutores. E se o problema aqui é um problema da zona de fronteira, de estarmos numa zona de contacto internacional em que eu posso ser o Outro de um outro Estado, então, eu gostaria de lhe perguntar, Professor Boaventura, se o Saramago não devia ter tido em consideração os católicos irlandeses quando escreveu o Evangelho em que, entre outras coisas, um diabo ambíguo sugeria ao filho de Deus que tivesse sexo com animais. O Saramago não devia ter pensado nos católicos irlandeses? Ou não devia ter pensado na zona de contacto entre mim que sou laica, não acredito em Deus nenhum, urbana, moderna e a minha avó de 92 anos, que é rural, que ainda assistiu à missa pré-Vaticano II em latim? Então, não devia ter tomado isso em consideração? E, já agora, só mais um *hard case*. Como alguém que cultiva o feminismo liberal, nessa linha de consideração, se podemos concordar com um italiano que vem propor, como médico, que enquanto os muçulmanos continuarem a praticar a excisão genital feminina – enquanto não nos convenceremos que isso é uma violação do direito à integridade física grave –, se deve fazer a excisão de uma forma clínica, apenas espetando um alfinete no clítoris das senhoras. Enquanto não nos convenceremos de que isso é uma prática que realmente viola a dignidade da pessoa humana, se o universalismo é o ponto de chegada, então, será que podemos esperar chegar aí para que isso aconteça?

5 – Eu tenho duas questões para o Dr. José Pacheco Pereira. A primeira é: será que há arrogância maior do que a proclamação dos ditos valores ocidentais como universais e, como tal, devem ser respeitados pelos Outros, se os próprios ocidentais, entre aspas, não respeitam os valores dos Outros? A segunda questão é: se o Dr. José Pacheco Pereira fosse ou estivesse do outro lado, até que ponto tolerava ou aceitava a proclamação dos ditos valores ocidentais nos moldes em que ela tem sido proclamada?

6 – Eu cheguei aqui muito confusa e confesso que continuo muito confusa. E tenho questões que, depois daquela intervenção [de Ana Riquito], eu sei que são muito toscas. Mas, recuperando algo que foi dito, a minha questão é: eu quero respeitar o Outro, eu quero estar atento aos valores do Outro, mas a verdade é que eu tenho valores que para mim são absolutamente essenciais. Como mulher, chocam-me as questões, por exemplo, relativas à excisão do clítoris e as questões, por exemplo, relativas à poligamia – que eu já ouvi defender, por exemplo, no Canadá, precisamente para respeitar os valores das comunidades que lá estão e que praticam a poligamia. Eu pergunto: onde é que isto pára? Onde é que fica o meu direito de defender os valores de liberdade que muitas mulheres antes de mim construíram e de que eu usufruo? Como é que isto se resolve? Quando é que nós vamos encarar aqui a questão, por exemplo, do uso do véu, que foi tão problemática em França? Como digo, talvez esteja a misturar muita coisa, talvez tudo isto seja muito tosco, mas era isto que eu queria que me esclarecessem. Onde é que está e onde é que pára o respeito pelo Outro?

7 – Nesta discussão sobre a universalidade e a relação com o Outro, acho que temos que fazer uma distinção entre a pretensão de universalidade, que é muitas vezes aquilo que comanda a nossa ideia de que os valores que defendemos são universais, e a universalidade como ponto de chegada, de que falou o Boaventura. Tem necessariamente que ser um ponto de chegada. Em relação a este problema dos direitos das mulheres, a dificuldade real que aqui se põe é que enquanto outras populações e outras culturas não assumirem como seus valores que nós defendemos, continuará a haver tipos de comportamento que condenamos a partir daquilo que nós defendemos como valores universais. Aquilo que nós temos que fazer é, precisamente, encontrar um modo de enfrentar o problema em lugar de o ignorar e parece-me que aí há um caminho que foi proposto e que foi aberto, e que o Boaventura já referiu também em algumas das suas obras, que é precisamente

um caminho que parte daquilo que para nós são princípios, são questões que nós damos por adquiridas e não pomos em discussão quando estamos na nossa sociedade, mas que, quando somos confrontados com os Outros, passam a ter de ser postas à discussão e defendidas com argumentos. Portanto, parece-me que tem de haver um esforço de submeter à discussão e ao confronto outras concepções, para que a universalidade possa ser um ponto de chegada. Se não o fizermos, aquilo que acontecerá, como acontece muitas vezes no caso da excisão, é que se proíbe a excisão ou outro tipo de práticas que consideramos incompatíveis com a dignidade humana, mas elas passam simplesmente à clandestinidade e continuam a ser praticadas. Queria só acrescentar outra coisa em relação à liberdade de expressão, deixar aqui uma nota que me parece que é importante. Têm acontecido na Europa vários episódios de limitação e de violação da liberdade de expressão que não tiveram o tipo de resposta que este teve. Por exemplo, há um ano atrás, Edgar Morin, Sami Nair e Danielle Sallenave foram condenados por um tribunal francês por ofensa aos judeus e ao Estado de Israel por terem publicado um artigo no *Le Monde*, em 2002, em que faziam uma crítica ao Estado de Israel. Entre os que saíram em defesa deles estava, por sinal, uma associação judaica também crítica da política do Estado de Israel em relação aos palestinianos. O caso não foi muito discutido, embora seja parte de uma tendência importante em França para tentar criminalizar como manifestação de judeofobia ou anti-semitismo qualquer crítica que seja feita ao Estado de Israel, como propõe um recente relatório apresentado ao governo francês. É importante que se veja que há aqui pesos e medidas distintos e há aqui também certos tipos de práticas que limitam a liberdade de expressão que não merecem, muitas vezes, o mesmo tipo de condenação que mereceu, por exemplo, o caso que aqui nos trouxe. É muito importante também que se perceba que o princípio da liberdade de expressão é uma coisa distinta do exercício efectivo da liberdade de expressão tal como ele existe e tal como está legislado. Esse exercício é, de facto, algo distinto daquilo que nós gostamos de proclamar como princípio. Há, pois, ainda um longo caminho que é preciso fazer e para o qual debates deste tipo hão-de contribuir.

8 – O meu nome é Muhammad Nadir. Sou Professor de árabe na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sou um investigador marroquino, de Rabat, e estou a fazer doutoramento. Estou aqui há 9 anos, portanto sou já um pouco conhecedor deste país e da sua cultura, assim como deste mundo lusófono. Aprendo todos os dias com as pessoas. De facto, eu não estava para falar, mas apenas queria referir uma intervenção do José Pacheco Pereira, que ele talvez

quererá esclarecer já. Em primeiro lugar, eu conheço o trabalho de José Pacheco Pereira, já que era um leitor assíduo das suas crónicas no *Público* e era também ouvinte assíduo do *Flashback* numa rádio aqui em Portugal. Portanto, eu conheço o seu pensamento muito bem. Já há uns seis anos, num debate na televisão, o Dr. José Pacheco Pereira disse “nós somos ocidentais, os outros é que são os beduínos...”. Lembro-me que isso até suscitou uma intervenção da mesa, na altura, no debate. Mas não há problema nenhum. Pode exprimir-se como quiser. (José Pacheco Pereira: “Nunca disse a palavra ‘beduíno’”) Agora uma questão: será que esta plateia, por exemplo, tem o direito a falar, a dizer aquilo que pensa no seu foro íntimo, tal como aquilo que o Dr. Pacheco Pereira disse ou o que exprimiu? Portanto, o direito a chamar os outros qualquer coisa? É incrível! Não pode, não é possível! Tem que respeitar! Eu tenho que respeitar o Dr. Pacheco Pereira como ele é, com o seu pensamento. Eu não posso chegar aqui e chamar-lhe nomes. Mesmo discordando consigo, eu tenho que o respeitar! O respeito é algo fundamental. Mas se me permite mais trinta segundos, há questões que são importantíssimas e que temos que esclarecer. E aqui há uma questão de conceitos. A questão do conceito “ocidental”. O conceito do “Outro”. O que é afinal o “Outro”? O que é afinal “ocidental”? Hoje no Ocidente vivem 26 milhões de muçulmanos. Hoje esse Ocidente também tem mesquitas. Disse (Pacheco Pereira) que não podemos construir igrejas. Mas vários países ditos muçulmanos têm igrejas! A minha cidade, Rabat, tem uma miscelânea de igrejas anglicanas, catedrais, sinagogas. Há uma catedral no centro de Rabat, grandiosa! Duas catedrais grandes, sinagogas, tudo! Eu posso levá-lo. Marcamos um encontro em Rabat e vamos tomar um café, sem problema nenhum, assistimos a uma missa numa igreja, se quiser. O ser “ocidental” é também uma questão de conceito. Eu também sou cristão! Eu acredito em Jesus Cristo. Logo, eu sou cristão. Então, onde é que está a questão do conceito: o que é ocidental? É uma zona geográfica? Digamos, é um bloco fechado onde o Outro tem que pedir licença para entrar? E o Outro, será que é adversário? E as outras zonas geográficas, são todas adversárias, são inimigas? Meu Deus! Isto era assim na Idade Média! O que é isto? Não pode ser! Hoje temos cada vez mais tendência para o cosmopolitismo, para a troca de culturas. E tenho cada vez mais uma grande sensibilidade a uma questão: uma cultura humanística. E pergunto: até que ponto nós vamos continuar sem o conhecimento da história? E o Professor Pacheco Pereira que até é um historiador conhecido, que já deu provas...

9 – Primeiro, quero dar os parabéns ao Adel Sidarus por frisar um aspecto que é o seguinte: há debates tardios em Portugal não só sobre esta matéria mas sobre o

colonialismo português. Tem havido algumas tentativas, mas há debates que não se fazem, e que são necessários fazer, doa a quem doer, tenham lá muitos esqueletos no armário, na gaveta, ou no coração! Há a necessidade de se fazer um debate sobre o colonialismo, como há necessidade de se fazer o debate sobre os bárbaros e os cristãos em Portugal. Há muito debate a fazer. Este é o primeiro aspecto. Sem dúvida nenhuma que, pela minha experiência nos últimos seis anos em França – no centro da Europa –, pude observar uma grande humilhação das comunidades islâmicas. Volto a subscrever o que o Adel Sidarus disse e tal como o Professor Boaventura de Sousa Santos também disse: há uma humilhação declarada de determinados grupos minoritários. O que quer dizer que se, por um lado, a democracia tem valores universais, há um clima político das elites dominantes que, para a sobrevivência dos seus próprios Estados, vai exigir repensar isso. Vai exigir repensar o que será o diálogo intercultural? Não sei. O que eu sei é o que eu vi, quando vi os carros a arderem em Paris. Ainda na semana passada, eu quis entrar na *École* e não pude. Mas não eram os estudantes que lá estavam: “Eram uns bandidos”, como dizia o ministro Sarkozy, que até se aproximava das teorias dos situacionistas. Eles fizeram um comunicado em que diziam coisas que não tinham nada a ver, o que ilustra a necessidade de um novo diálogo, que é preciso enfrentar. Para terminar, o que eu acho mais interessante, mas que se calhar é o que tem menos peso e significado, é a teoria do *complot*. Atendendo à situação actual, no Iraque, na Palestina, o Hamas, por aí fora: a confusão entre a religião e a decisão política. Nós sabemos que há estratégias e há estratégias que vão alimentar determinadas situações. Até agora, em relação ao Iraque, havia divergências profundas quer no campo americano, quer no campo europeu, e nada me diz que através de processos dos mais sofisticados não se tenha criado todo um mecanismo para que os europeus passassem a ter também uma posição anti-islâmica e procurassem, de certa maneira, levar alguns dirigentes a concordar ou condescender com a direcção americana. Enfim, é a teoria do *complot*!

10 – Eu penso que, se for possível estar de acordo com todas as intervenções, eu estou de acordo com todas. Portanto, se isso é possível, a questão que posso pôr é: o que é que está aqui em causa? Quando se fala de situações como esta, *cartoons*, civilizações e conversas difíceis... E se calhar não vou dizer nada de novo. Penso que têm razão quando dizem que o que está em causa é uma questão de poder, e de poder contra o poder. Basicamente, era o que estava a dizer Adel Sidarus, lembrando a questão dos muçulmanos, dos imigrantes dos diversos países que vêm para a Europa, como num livro de uma psicóloga sobre a violência e as suas

origens, em que pergunta: como é que uma comunidade, qualquer que ela seja, de muçulmanos, de negros, de ciganos, ou de ocidentais de um lado qualquer, pode dar exemplos de liberdade aos seus filhos se, para triunfar, vai para um país que não é o seu, e não triunfa? Se obviamente não houver modelos para eles como para os seus próprios filhos, é uma comunidade que tem vergonha de si própria e dos seus valores. Estava aqui a pensar também que, quando as reacções islâmicas são feitas fundamentalmente nos países islâmicos com a queima de embaixadas, tal acontece porque aí há poder para queimar as embaixadas. Porque na Europa não teriam esse poder. Liberdade de expressão – que limites? – e a parte da religião, e da religião católica... Eu como psiquiatra, tendo a centrar-me na identidade. A identidade funde a parte do cognitivo e do emocional. A questão é quando o cognitivo supera o emocional ou vice-versa. E temos isso nas queimas das embaixadas e em todos estes excessos. Se é cognitivo, é preciso uma distância. Como é que essa distância lógica se consegue num grupo que tem muito pouca distância? Em relação ao Dr. Pacheco Pereira, eu lembrei-me de um debate que houve há uns anos, em que estava a falar de uma frase do Wallerstein: dizia que a lei pode existir como uma desresponsabilização do indivíduo. Se o indivíduo aceita a lei, ele não tem que pensar no que é que está a fazer. Mas também pode não querer saber. E quando se pensa nas leis contra os abusos de liberdade de imprensa, há a liberdade de cada um, e há a censura, o que são coisas distintas. Agora estava aqui a pensar, ter liberdade para fazer *o quê*? E em relação à fé, a fé é uma coisa que não se discute. A fé religiosa... As pessoas têm fé. Não é uma coisa que se deseje, é quase uma coisa intrínseca. Por outro lado, há pessoas que querem ter fé, e que não conseguem. Em todo o caso, a fé faz parte das pessoas, é uma questão de identidade. E a questão que põe o Professor Boaventura na parte final, é como é que tudo isto se junta para se chegar a algum lado? Disse uma coisa no fim que eu achei interessante: o que é ser *ocidental*? O que nos leva ao início desta conversa: o que é que é ser humano, o que é ser gente, o que é ser livre? O que é poder pensar, o que é ser ocidental, o que é ser islâmico, o que é ser europeu, o que é que é ser o que quer que seja? E queria ainda deixar uma frase que está escrita num livro: “a luta contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento”.

11 – Sou José João Lucas, sou professor. Eu queria saber se era possível que cada um dos intervenientes da mesa me respondesse a esta pergunta: o que é que cada um, colocando-se cada um no espaço cultural do Ocidente – creio eu que ninguém se pôs fora deste grande lugar que é o Ocidente – gostava que cada um me explicitasse o que é para si o Ocidente. Primeiro, do ponto de vista geográfico, o

Ocidente começa no cabo norte, e vai até onde? Até ao trópico de Câncer? A Oriente, vai até aos montes Urais, e, do outro lado, até à costa oeste dos Estados Unidos, ou não? Do ponto de vista cultural, inclui o quê? A cultura judaico-cristã, como diz o Pacheco Pereira. Greco-Romana, sim ou não? Islâmica, sim ou não? Já agora, Viking, sim ou não? Portanto, a Europa supostamente judaico-cristã não tem nada a ver com a nossa tradição, pelo menos até ao fim do primeiro milénio. O terceiro ponto, também, qual é o posicionamento de cada um dos membros da mesa, relativamente a isso que poderá chamar-se a tradição ocidental. Por exemplo, do lado que condenou Sócrates à morte, ou do lado de Sócrates? Do lado do império romano que chacinou meia Europa, ou do lado de quem foi chacinado? Do lado do Papa, ou do lado de Galileu? Do lado da aristocracia francesa, ou do lado dos revolucionários? E finalmente, do lado dos próprios revolucionários que condenaram a mulher à morte, ou do lado da mulher que se arrependeu e quis uma declaração dos direitos da mulher? De que lado!?

12 – Acho que faltou falar sobre o meio – os *media* – e pegar no que já foi mencionado sobre a liberdade de expressão. Pensando nos *media*, e tendo como o exemplo o Brasil, é o melhor espaço para se falar, onde se exerce a liberdade de expressão. Porém, mesmo no caso do Brasil, e como nos diz um famoso sociólogo brasileiro, Emir Sader, os *media*, *não são* o espaço da liberdade de expressão! Os *media* são um espaço de opinião de poucos grupos, de poucos empresários. Então, eu não sei se esses *cartoons*, sendo publicados nos *media*, aparecem no melhor espaço de liberdade de expressão... E os *media* hoje em dia afirmam-se como os principais defensores da liberdade de expressão. Será que estão defendendo a liberdade de expressão, ou estão defendendo a liberdade de algumas poucas pessoas que são detentoras de tanto poder para se fazerem ouvir? Será que os *media* vão divulgar coisas que, de maneira muito simples, possam interferir no sector comercial, possam prejudicar, sei lá, o seu grande anunciante? É só isso.